

João Francisco Marques*

O livro religioso, em particular do âmbito da parenética e hagiologia, nos impressos do século XVI da Biblioteca Pública do Porto**

R E S U M O

Ao percorrer-se o presente inventário, é estimulante verificar as obras de autores estrangeiros, em língua latina e espanhola, idiomas por óbvios motivos utilizados, e as traduzidas em vernáculo, a que a tipografia portuguesa dava saída em seus prelos no decurso da era quinhentista. O facto remete-nos para uma dupla realidade cultural: a primeira, a existência no país de consumidores que justificam tais edições, ao tempo de custo relativamente elevado, sendo a taxaço do exemplar um indicativo pertinente para se avaliar o preço de venda; e a segunda, a especificidade temática dos livros que apontam para variáveis da procura no mercado livreiro.

A B S T R A C T

During the study of this inventory, it was very interesting to learn about the number of works from foreign authors, either written in Latin or Spanish, both languages familiar to the Portuguese readers, as well as vernacular translations published in Portugal during the 16th century. The diversity of themes shows two important cultural aspects: firstly, that there were enough readers to justify printing these quite expensive works, the tax paid by each copy being a good source to evaluate their selling price; secondly, the specificity themes of the books printed reveal diverse interests by the readers.

Perante um repositório de livros impressos em Portugal no século XVI, pertença da Biblioteca Pública do Porto e pelo catálogo revelado, a atenção, de não poucos, volta-se curiosa para a raridade das existências. Mas será tal dado o que deva merecer relevância para prioridade do estudioso? O que me verga e toca a gratidão é ter sido levada a bom termo uma tarefa árdua, proporcionando aos investigadores da história do livro e aos analistas de textos seiscentistas como fontes de conteúdos vários nas áreas de suas pesquisas, a matéria prima indispensável. Ao dar-mo-nos conta do rigor descritivo das espécies, assente na técnica bibliográfica utilizada e normalização metodológica seguida, converge-se, de imediato, à concordância. Por tratar-se de um património que já estava ao dispor para manuseio e exame dos investigadores, não houve necessidade de instaurar processos bibliográficos morosos e, por vezes, de ter-se de recorrer a repertórios pobres e de fiabilidade duvidosa. O que, porém, não encerrava a execução do projecto do organizador-responsável era acompanhar cada obra da correspondente notícia prosopográfica, literária e histórica de forma a individualizar a contextualização das espécies descritas, o que, sobremaneira, enriqueceria o catálogo, não obstante o óbvio aumento do volume e custo da sua publicação. Desafio este, não

* Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

** Este texto foi apresentado no Colóquio “A tipografia portuguesa do século XVI nas colecções da Biblioteca Pública do Porto” 4.05.2006

diria, a preencher uma lacuna, mas sempre a alargar o esforço de complementaridade destes tão prestimosos elencos bibliográficos. Tenha-se em conta a tentativa feita pela autoria colectiva do 3º volume da *Bibliografia Geral Portuguesa*, iniciativa da Academia das Ciências de Lisboa, que a Imprensa Nacional editou em 1983, e cuja indexação ficou suspensa em Amato Lusitano, ou seja, por meados da letra A, embora com a promessa de seguimento até hoje ainda não cumprida.¹ A tarefa, advertiu a seu tempo o historiador Queirós Veloso, é por demais vasta, complexa e espinhosa, ao ponderar-se a importância da sempre possível falha ou erro, até porque, em um inventário metódico, exigente em grau máximo, de impressos de autores portugueses saídos dos prelos «nenhum livro, por menos valioso, nenhum folheto, por mais insignificante, deve ser posto de parte».²

Os monumentais *Biblioteca Lusitana*, do nunca suficientemente louvado Diogo Barbosa Machado, e *Dicionário Bibliográfico Português*, dos incansáveis beneméritos Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, foram entre nós pioneiro e precioso, arranque. Contudo, o primeiro inventário sistemático de esmagadora exaustividade, relativo ao século XVI – núcleo cronológico que agora nos prende - apareceu nos tempos da República da autoria de Joaquim Anselmo e Raúl Proença, elenco a que outros até hoje têm trazido contributos de grande valia. A descoberta da imprensa, um dos partos fecundos que nos ofereceu esse admirável século XV na viragem para a idade moderna, crismou McLuhan de a “Galáxia de Gutenberg”, numa expressão linearmente feliz. A revolução trazida à área da comunicação escrita, na altura em que a epístola autógrafa dominava, mercê da descoberta desse pedacito de chumbo, conhecido por «caracter móvel», acaba por ser recordada, uma vez ainda, em um livro recentemente publicado em França que não hesita em considerá-lo maravilhoso. Yves Perrousseau, a quem se deve a *Histoire de l'écriture typographique, de Gutenberg au XVII siècle*, responde a uma série de questões, nunca até agora colocadas, pelas mexidas trazidas ao universo do escrito por tão extraordinário invento.³ Não pode deixar de notar, quem for assíduo na consulta de Barbosa Machado, a quantidade de obras de inúmeros autores quinhentistas, e alguns mesmo das eras anteriores, que ficaram manuscritas no fundo da cela de um frade ou nas estantes das livrarias conventuais, se não nas da corte, de casas nobres e de paços diocesanos. Se, felizmente, variados manuscritos vêm sendo encontrados, inúmeros outros ficaram reduzidos a cinza no grande terramoto de 1755, de tão infausta memória. De registar que o equilíbrio entre o impresso e o manuscrito seria nota dominante durante o século XVI, podendo aduzir-se, como razões para este último manter estável a posição, a escassez de prelos, o custo das impressões, o diminuto número de consumidores do livro e a raridade dos mecenas. Mas a que remeter as motivações de tudo isto?. As dedicatórias, aqui e além estampadas em obras conhecidas, podem ser indiciadores dos interesses que por detrás do gesto se escondiam. A mudança verificada pelo recuo da cópia manuscrita ante a supremacia da imprensa foi, no entanto, lenta, como a constatação da existência de apógrafos poderá indicar, sem se deixar de ter em conta o muito que se perdeu por incuria humana. Além disso, o recorte técnico deixava, no princípio, bastante

¹ *Bibliografia Geral Portuguesa, Volume III. Século XV*, Lisboa, Academia das Ciências, 1983: XXIV.

² *Ibidem*: XXV.

³ Yves Perrousseau, *Histoire de l'écriture typographique, de Gutenberg au XVII siècle*, Paris, Perrousseau, 2006: 408 p.

a desejar. Em 1534, o humanista André de Resende lamentava que em Lisboa, «a mais ilustre de todas as cidades», existisse «tão miserável tipografia»; e, ainda dezassete anos depois, o bispo D. Jerónimo Osório repetia idêntico queixume, pois não se coibia deste severo reparo: «não temos impressores, ou, antes, os poucos que temos são tão inábeis que não ousou confiar-lhes o que quer que seja».⁴ A culpa podia ser remetida para a abundância de aprendizes que os proprietários das oficinas empregavam, os quais, por sua vez, se escudariam com a baixa expressão económica do circuito comercial do livro, aliás procurado por ócio ou necessidade.

A organização que presidiu ao reportório dos livros impressos do século XVI, da autoria de Anselmo e Proença, apresenta o número bruto de 1900, se bem que, até 1535, a média seja pouco significativa. Ao referir que «as obras impressas desta época apresentam diferentes e importantes aspectos de uniformidade», o Prof. Borges de Macedo levanta um pertinente problema que importará ter presente, quando, em história cultural, se manipulam estatísticas relativas à obra editada, entendida em sua dimensão conceptual. Atente-se a como o formula: «Em rigor, o volume da actividade tipográfica só pode ser calculado pelo número de páginas impressas e não pelo número de títulos. Processo impraticável para o século XVI, onde muitas obras são conhecidas por simples referência; utilizá-lo aqui teria limitado alcance». E interroga: «até que ponto é significativo conhecer-se o número de páginas produzidas nas obras chegadas até nós, quando são tantas as que se perderam?»⁵

Se o que se me pediu para tratar, na análise ao repositório presente, foi a literatura parenética e hagiográfica, a atenção concentra-se na expressão do livro religioso editado na altura. Recorrendo à contabilidade relativa a agrupamentos de interesses e finalidades das publicações impressas, feita por Borges de Macedo, no seu, a vários títulos, importante estudo – *Livros impressos em Portugal no século XVI, interesses e formas de mentalidade* –, onde a base de dados são os prestimosos índices sistemáticos de Barbosa Machado postos no fim do quarto tomo da *Biblioteca Lusitana*, verifica-se, num total de 1904 obras publicadas, que 700 correspondem à percentagem de 36%, cujo conjunto, denominado «Igreja», engloba 651 títulos, especificados por **função, organização, serviços e doutrina**. A estes se devem adicionar mais 49, agrupando hagiológicos e história da igreja, ou seja, respectivamente 34% e 2%, com picos nos quinquênios 1561-1565 e 1565-1570, correspondentes às regências e primeiros anos de governo de D. Sebastião: com 60 e 59 títulos, quanto ao primeiro bloco, e 2 a 5 relativos ao segundo. Os quinquênios 1581 – 1585-1590, referentes à primeira metade da administração de Filipe II, aparecem com 53 e 61 títulos, relativos ao primeiro núcleo e 2 e 6 ao segundo.⁶ A ausência de idêntica sistematização no reportório Anselmo/Proença impede, de momento, estabelecer e afinar o cotejo. Não surpreende semelhante avalanche de obras religiosas que se reconhece provirem de autoria eclesiástica. A justificação vislumbra-se, sem esforço, pelo conhecimento que se tem da sociologia histórico-cultural do século XVI, como aponta o Prof. Joaquim de Carvalho: o sacerdote, no arranque da época moderna e na sequência do período medieval, era incontestavelmente o representante do saber e, por

⁴ Jorge Borges de Macedo, «Livros Impressos em Portugal no Século XVI. Interesses e Formas de Mentalidade», in *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Editorial Verbo, 1979: 29.

⁵ *Ibidem*: 28, n. 1.

⁶ *Ibid.*: 50.

maioria de razão, do pensamento teológico- especulativo e da teologia moral, da exegese bíblica e da catequese doutrinária, o que se reflectia no conjunto da produção impressa.⁷ Por outro lado, ao percorrer-se o presente inventário, é estimulante verificar as obras de autores estrangeiros, em língua latina e espanhola, idiomas por óbvios motivos utilizados, e as traduzidas em vernáculo, a que a tipografia portuguesa dava saída em seus prelos no decurso da era quinhentista. O facto remete-nos para uma dupla realidade cultural: a primeira, a existência no país de consumidores que justificam tais edições, ao tempo de custo relativamente elevado, sendo a taxaço do exemplar um indicativo pertinente para se avaliar o preço de venda; e a segunda, a especificidade temática dos livros que apontam para variáveis da procura no mercado livreiro.

Duas notas, ainda, se poderão assinalar: uma, quantitativa, que o quadro de concepção quinquenal do prof. Macedo permite seguir, no cômputo estatístico dos impressos do século XVI⁸, e verificar que a mutação dá-se a partir de 1541, acusando acentuado e equilibrado aumento até ao início da última década, para inflectir em diminuição progressiva dessa altura ao final da era; a outra, empobrecedora, a mostrar que o recurso a uma certa generalidade, na sistematização dos agrupamentos indexados, retira a hipótese de se encontrar, por exemplo, o elenco da parenética, e outros mais, como **espiritualidade, teologia, Sagrada Escritura**, sem falar já na autonomia do núcleo hagiográfico. Por isso, os índices que se encontram no catálogo apresentado são de relevante importância. Pena não incluírem um temático, a cobrir as áreas a que pertencem todas as obras arroladas neste inventário, dado de indiscutível utilidade para investigação. Foi, de resto, essa especificidade cultural, mais precisamente a circunscrita à parenética ou oratória sagrada e à hagiologia, que aceitamos rastrear através das menções bibliográficas contidas neste repositório. Isso nos permitiu, em simultâneo, descobrir um punhado de raridades, a não deixar em silêncio. Haja vénia para, mesmo só de relance, citarem-se presenças várias em diversas áreas quanto ao livro religioso. Vejamos.

Na da espiritualidade, surgem a tradução em vernáculo das obras latinas *Exercícios espirituais e divinos* de Nicolau Eschio e *Deutos exercitios e meditações da vida e paixão de Nosso Senhor Iesu Christo* do dominicano João Thaulero; *Contemplus mundi*, obra conhecida popularmente por *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, tão famosa que marcou e marca a literatura edificante de tantos séculos; versões em castelhano de *Cantos morales, espirituales y contemplativos* do italiano Jacopone de Todi e *Tratados de vida espiritual que enseñan como el hõbre subira del estado del peccado a la cumbre de la perfection* do também transalpino Serafino de Fermo; *Libro de la vanidad del mundo* do franciscano espanhol Diego de Estella; *Tratado del amor de Dios* do eremita agostinho Fr. Cristóbal de Fonseca e a compilação das *Obras de los que aman a Dios*, do confrade da mesma ordem, Fr. Luís de Montoya; o *Libro de la oracion y meditacion* e *Guia de peccadores* do célebre dominicano Fr. Luís de Granada que exerceu enorme influência em terra portuguesa durante a segunda metade do século XVI. A juntar a estas, as dos nossos Fr. Bartolomeu dos Mártires, autor de *Stimulus Pastorum* e *Compendium Spiritualis*; a *Voz do Amado* de Fr. Hilarião Brandão,

⁷ Joaquim de Carvalho, «O pensamento português da Idade Média e do Renascimento», in *Obra Completa, II. História e Cultura (1922-1948)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982: 373.

⁸ J. Borges de Macedo, *loc. cit.* : 50.

hoje a circular na mui cuidada edição da prof^a Maria de Lurdes Correia Fernandes⁹; a *Patientia christiana* do secular Jorge Coelho; a *Imagem da Vida Cristã* do jeronomita Fr. Heitor Pinto e *Diálogos* do bispo de Portalegre e carmelita D. Fr. Amador Arrais – obras e autores que mereceram os aprofundados e eruditos enquadramentos contextuais do prof. Silva Dias, no seu precioso *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*, a propósito dos místicos do norte e dos italianos e ibéricos.¹⁰

Na exegese bíblica, há a referenciar as sumidades lusas em Sagrada Escritura: o dominicano Jerónimo de Azambuja, conhecido pelo nome latino de Oleastro e um dos redactores da *Catecismo tridentino*, de que várias edições são no presente reportório recenseadas, autor do *Cōmentaria in Mōsi Pentateuchum Juxta M. Sancti Pagnini Lucensis, eiusdem Ordinis interpretationem*; o jesuíta Sebastião Barradas, com o seu muito justamente apreciado *Commentariorum in concordiam et historiã Euangelicam*, sobre que existe um eruditíssimo estudo, publicado em 1987, de Arnaldo Pinto Cardoso¹¹; o religioso pertencente também à Ordem de S. Domingos e catedrático da Universidade de Coimbra, Fr. Luís de Sottomaior, cuja obra mestra sobre o «Livro dos Cantares, atribuído ao Rei Salomão», *Cantici Canticorum Salomoni interpretatio*, foi e é muito estimada. Recomende-se como leitura obrigatória, para uma iniciação no entendimento destes autores, o importante estudo do prof. Manuel Augusto Rodrigues, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra*.¹²

Na teologia moral, evidenciada a referência ao clássico *Manual de confessores e penitentes* do consagrado canonista e insigne mestre conimbricense, doutor Martin Azpilcueta Navarro, e à conhecidíssima, e manuseada por tantas gerações de clérigos, *Summa caietana cō muytas annotações e casos de consciência* do cardeal Thomas de Vio Caetano, vertida para português pelo dominicano Fr. Diogo do Rosário, requerem menção: a *Summa de casos de consciência* e o *Manual de confessores e penitentes* dos franciscanos Fr. Manuel Rodrigues e Fr. Rodrigo do Porto; e, ainda, a *Summa de casos de cōciencia: muy necessária a eclesiásticos y seculares, a confessores e penitentes* do dominicano espanhol Fr. Juan Pedraza e a *Arte përa bem confessar* que Aires da Costa trasladou para vernáculo e o Cardeal Infante D. Henrique, então arcebispo de Braga, custeou a impressão. Estas obras, assaz difundidas ao tempo e auxiliares indispensáveis aos sacerdotes na administração do ministério da penitência, mereceram um interessante e erudito estudo de Maria de Lurdes Correia Fernandes, estampado na *Humanística e Teologia*, revista do pólo portuense da Universidade Católica.¹³

Anote-se mais, no domínio da controvérsia religiosa: o *Defensio tridentina catholicae et integerrimae quinque libris comprehensa aduersus haeticorum detestabiles calummias et praesertim Martini Kemnicij Germani* do teólogo tridentino Diogo Paiva de Andrade; o *Tractatus de coniugio*

⁹ Frei Hilarião Brandão, *Voz do Amado*. Introdução, Notas e Fixação do Texto de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

¹⁰ José Sebastião da Silva Dias, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, I, Coimbra Universidade/Instituto de Estudos Filosóficos, 1960: 245-294.

¹¹ Arnaldo Pinto Cardoso, *Da Antiga à Nova Aliança. Relações entre o Antigo e o Novo Testamento em Sebastião Barradas (1543-1615)*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

¹² Manuel Augusto Rodrigues, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Primeiro Século: 1537-1640*, Coimbra, 1974.

¹³ Maria de Lurdes C. Fernandes, «As artes da Confissão. Em Torno dos Manuais de Confessores do século XVI em Portugal», in *Humanística e Teologia*, Ano XI, Fasc. 1 (1990): 47-80.

regis Angliae do pregador régio e doutor parisiense Álvaro Gomes; o libelo contra *Gualterum Haddomum* do bispo de Silves e polemista D. Jerónimo Osório; a *Concordia liberi arbitrij* do jesuíta Luís de Molina, professor da Universidade de Évora.

Na área catequética, mesmo considerada *lato sensu*, apontem-se: a tradução castelhana do *Enquiridião ou Manual del cavallero christiano* do humanista flamengo Desidério Erasmo; o *Compendio da doutrina christãa* de Fr. Luís de Granada; o *Libro dela verdad de la fe* e os “Comentários” aos evangelhos de S. Marcos, S. Mateus e S. Lucas, do religioso agostinho e bispo de Coimbra, D. Fr. João Soares.

Como, porém, este respigar em tão provido reportório deveria incidir na literatura parenética e hagiográfica, importará assinalar, agora, o que nele se encontra. Num estudo recente que consagramos à história do livro religioso em Portugal na Idade Moderna, ascendia a 38 o número de pregadores de nomeada, pertencentes ao século XVI, com obras impressas e inéditas legadas à posteridade.¹⁴ De assinalar, no entanto, que de oradores sagrados de reconhecida fama no ministério do púlpito se mantêm ainda hoje inéditos sermonários deixados prontos, ou quase, a entrar no prelo. A título exemplificativo, podem citar-se os sermões dos jesuítas Luís Álvares e Inácio Martins e do beneditino Fr. Jorge de Carvalho, que nunca foram impressos, embora se conservem nos arquivos nacionais a aguardar a sua hora.¹⁵ Por sua vez, os do doutor Diogo de Paiva de Andrade só no século XVII apareceram, numa iniciativa de seu sobrinho,¹⁶ e os do bispo de Bragança e Leiria, D. António Pinheiro, ainda mais posteriormente surgiram, e só alguns.¹⁷ E, se Barbosa Machado menciona 3 tomos de sermões manuscritos, com muita probabilidade desaparecidos no terramoto de 1755, do trinitário Fr. Nicolau Coelho do Amaral que acompanhou D. Joana de Áustria, mãe de D. Sebastião, no seu regresso a Espanha em 1554, e ocupou por convite, na Universidade de Valladolid, mercê da sua «grã fama» e «aventejadas letras», a cátedra de prima,¹⁸ existe na Biblioteca do Porto, como se pode verificar, a *Silva espiritual*, embora não em suas quatro partes publicadas em território espanhol, do pregador franciscano Fr. António Álvares de Benavente, que chegou a conhecer 18 edições.¹⁹ É curioso notar que as três partes são acompanhadas de adições, conhecendo-se a 4ª também pela epígrafe de *Sermones de Santos*, em idioma o castelhano.²⁰

Atenhamo-nos, de seguida e tão-só, aos exemplares parenéticos neste catálogo mencionados. De lembrar que o ministério da pregação incentivado pelo Concílio de Trento a ponto de condensar em alguns dos seus cânones diretrizes sobre tão importante actividade pastoral por se sentir

¹⁴ João Francisco Marques, «O livro religioso», in *História Religiosa de Portugal*, Volume 2. *Humanismos e Reformas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000: 432-435.

¹⁵ Sermões do P. Luís Álvares, B.N. Lisboa, F. G. Ms. 3030 a 3033 e 6950; do P. Inácio Martins, B.N.L., Cods. 350 a 3503 e 6271; de Fr. Jorge de Carvalho, A.N.T. do Tombo, Ms. da Livraria, 1097 e 1882.

¹⁶ O sobrinho era Fr. Manuel da Conceição, dos eremitas de Santo Agostinho, que fez sair o 1º tomo em 1603, o segundo em 1605 e o terceiro em 1615, pelo editor Pedro Crasbeeck. Cf. Barbosa Machado, *op. cit.*, I: 687.

¹⁷ Bento Jozé de Sousa Farinha, *Colleçam das Obras Portuguezas do Sábio Bispo de Miranda D. António Pinheiro*, 2 ts., Lisboa, Oficina Filippe da Silva e Azevedo, 1784: [6] + 255 p. e de Jozé da Silva Nazarelhas, 1785: 174 p.

¹⁸ Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, III, Coimbra, Livraria Atlântida, 1966: 490.

¹⁹ *Bibliografia Portuguesa*, III: 143-159.

²⁰ *Ibidem*: 159.

em demasia a falta do alimento espiritual da palavra de Deus,²¹ levou o zeloso Cardeal-Infante D. Henrique a escrever e publicar um conjunto de sermões em linguagem latina, inseridos em *Meditationes et homiliae in aliqua mysteria Saluatoris et in nonnulla Evangelij loca*, com o intuito de servirem de inspiração aos clérigos mais ilustrados da sua extensa diocese eborense.²² Algo semelhante havia feito D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, o venerável arcebispo de Braga, para a sua arquidiocese, decretando que os eclesiásticos com cura de almas deviam pronunciar a homília, na eucaristia dos domingos e festas de guarda.²³ E, a fim de ajudar no desempenho dessa obrigatoriedade os menos capazes, compôs o *Cathecismo ou Doutrina christã e praticas spirtualis pera se ler nas parochias deste nosso Arcobispado onde não há pregação*, obra que teve inúmeras edições durante séculos com grande aceitação na metrópole e além-mar.²⁴ O caminho abriu-o, de certo modo, o amigo de ambos, essa figura insigne de religioso, teólogo e escritor que foi o dominicano espanhol Fr. Luís de Granada que passou a maior parte da vida em Portugal, onde faleceu ao findar o século. Deu ele à estampa os dois tomos dos *Concionum de tempore*, a cobrir os domingos do advento ao início da Quaresma e da Páscoa ao Corpo de Deus, oferecendo densos conteúdos doutrinários, e os *Quinque de poenitencia conciones* que Fr. Álvaro Huerga, o melhor especialista de seu espólio literário e seu confrade, acaba novamente de publicar, integrados na monumental edição de suas obras completas.²⁵ Encerra este inventário a *Explicatio copiosior conciones in consecratione reuerendissimi D. Antonij Pinarij*, texto oratório granadino composto para a sagração episcopal do bispo D. António Pinheiro, também, como atrás se disse, notável pregador quinhentista.²⁶ No idioma castelhano, certamente por haver procura no mercado livreiro, saíram: o sermonário *Consideraciones sobre todos los Evangelios de los domingos y fiestas de la Quaresma* de Hermano de Santiago, religioso da ordem mercedária e da redenção dos cativos; o florilégio mariano *Rosário de la Santissima Virgen Maria, Madre de Dios*, composto pelo jesuíta Juan Rebelo, e um santoral incluído em *Historia das vidas e feitos heróicos e obras insignes dos sanctos: com muitos sermões e praticas spirituaes que servem a muitas festas do anno* do dominicano Diogo do Rosário que têm a particularidade de vir engrossar o contingente do livro religioso impresso entre nós direccionado para a pregação. Destinado a doutrinar os fiéis, versando um tema com frequência expandido nos púlpitos, aparece a *Explication de la Bulla de la Sancta Cruzada y de las clausulas de los jubileos y cõfessionarios que ordinariamente suele conceder Su Sanctidad: muy prouechosa para predicadores, curas e confesores aun en los reynos donde ay Bulla*. Por sua vez, o sermão de circunstância de igual modo aqui emerge, quer na colectânea de orações fúnebres *Relação das Exequias d'el rey Filippe [...]*

²¹ *Les Conciles Oecuméniques, 2 Les Décrets De Trente à Vatican II*, dir. de G. Alberigo, Paris, Cerf, 1994: 667-700.

²² Ver Amélia Polónia, *O Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora, Um prelado no limiar da viragem tridentina*, Porto, 2005: 67-68.

²³ [Decreto], datado de 3 de Novembro de 1564, que abre *Catecismo ou Doutrina cristã e Práticas Espirituais*, volume primeiro das «Obras Completas» de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, Fátima, Movimento Bartolomeano, 1962: 3 inum.

²⁴ *Ibidem*, «Introdução» de Fr. Raul de Almeida Rolo: XXVII-XXVIII.

²⁵ António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, nº 219: 59-60; O sermonário de Fray Luís de Granada foi publicado recentemente por Álvaro Huerga in *XXI, Compêndio de doutrina Cristiana. Tece sermones: Obras Completas: XXIII-XXX. Sermones de Tiempo e XXXI-XXXIV Sermones de santos*, Madrid, Fundación Universitaria Española / Dominicos de Andalucía, 1999 e ss.

²⁶ *Ibidem*, nº 488: 133.

primeiro com algũs sermões que neste Reyno se fizerão à sua morte, que estudámos em *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, obra publicada na década de oitenta;²⁷ quer através do *Sermon en que se da aviso que en las caydas publicas de algunas personas, ni se pierda el credito dela virtud delos buenos, ni cesse y se entibie el buen proposito delos flacos*, texto nunca pronunciado no púlpito, em que Fr. Luís de Granada recorre a uma reflexão moralista, para moderar o impacto do triste desfecho do lamentável caso da Freira da Anunciada soror Maria da Visitação que o havia iludido com a simulação, das chagas de Cristo que no corpo pintava.²⁸

No âmbito da oratória profana própria dos actos académicos, com lugar quando o rei era recebido ou homenageado em espaços colegiais e estabelecimentos universitários, marcam presença as peças seguintes: *Oratio panegyrica ad inuictissimum Lusitaniae regem Ioannem, tertium nomine* de Inácio de Moraes, publicada em Coimbra cerca de 1550; *Oratio de scientiarum omnium magnarumque artium laude* de António Pinto; *Oratio, habita Conimbricae in Gymnasio Regio, anniversario dedicationis eius die* do humanista André de Resende, e *Funeribus Philippici, regis catholici, Conimbricae habita in Regio Academiae Coenobio* do médico Baltazar de Azeredo, a qual costuma vir apensa no volume da relação das exéquias de Filipe I, acima referido.²⁹

Para preparação das pregações, com vista a estabelecer tópicos ou à elaboração de discursos a pronunciar, os oradores sagrados serviam-se, na altura, de índices de lugares selectos, escriturísticos e patrísticos, e elencos de historietas edificantes, a fim de muscular os desenvolvimentos dos seus sermões e homilias, daqui surgindo os famigerados conceitos predicáveis de tão largo uso e abuso nos séculos posteriores.³⁰ Duas obras desta natureza se encontram descritas: *Loci communes sententiarum et exemplorum memorabilium exprobatissimis criptoribus*, coligidos por um certo André de Évora, e *Polyantheum opus auctoritatibus scripturarum: cum distichis interpositis, compositum centum et eo amplius sermonibus continens*, de autor anónimo.

Como a formação de pregadores acompanhava a habilitação intelectual do clero, as congregações religiosas masculinas procuraram dar adequado e correspondente tirocínio escolar aos seus membros destinados ao sacerdócio. A criação de aulas de retórica surgiram no currículo de estudos dos noviços, cujos mestres chegavam a escrever manuais inspirados em modelos clássicos greco-latinos – firmados por Aristóteles, Cícero, Quintiliano e outros –, como foi o caso de Fr. Bartolomeu dos Mártires, quando ministrou a docência a seus confrades dominicanos do Mosteiro da Batalha, tendo deixado manuscrito *Considerationes ad Praedicandum*, segundo revelação do erudito especialista da obra bartolomeana Fr. Raul de Almeida Rolo, que era uma espécie de compêndio destinado a tal fim.³¹ Existentes na Biblioteca Pública do Porto, há um exemplar da *Ecclesiasticae Rhetoricae siue De ratione libri sex*, o célebre tratado de Fr. Luís de Granada muito

²⁷ João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, 1986: 112, 221-235 : 112. Texto de 11 ff. Inum.

²⁸ A. J. Anselmo, *op. cit.*, nº 983: 286.

²⁹ J. F. Marques, *op. cit.*: 112. O texto compreende 11 ff. inum.

³⁰ Entre outros, ver: António Sérgio, «Prefácio», P.e António Vieira, *Obras Escolhidas*, I, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1951: XXIX-XLIX; Aníbal Pinto de Castro, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973: 227-339.

³¹ Ver Raul Rolo, «Uma Arte' de ser Santo», in *Bracara Augusta*, XLII (1990), nº 93 (106), p. 36.

seguido na Europa, e o *De arte Rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano*, do jesuíta Cipriano Soares, ambos exaustiva e contextualmente analisados pelo prof. Aníbal Pinto de Castro, na sua sapiente e prestimosa *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, obra, entre nós ainda não superada.³²

Quanto ao reduto hagiográfico, o elenco da Biblioteca do Porto proporciona um número nada despreciando de livros que, ao tempo, circulavam no espaço ibérico, alimentando a espiritualidade e a pregação. Se não aparece, neste núcleo, o *Flos Sanctorum* do espanhol Florez, tão conhecido como citado, e essoutro anónimo português impresso em 1513³³, surgem: o de Alonso de Villegas, sacerdote de Toledo; a *Historia geral e feitos de Iesu Christo, Deos Nosso Senhor, e de todos os Santos de que reza a Igreja Católica*, em nova tradução publicada no fim da era seiscentista, e a *Historia das vidas e Feitos heroycos e obras dos santos* do dominicano Fr. Diogo do Rosário, mandada imprimir por D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.³⁴

Por fim, se a Bíblia em vernáculo, destinada à leitura individual dos fiéis, não recebia a aprovação da igreja, circulavam sínteses narrativas sobre os santos do Velho Testamento e acerca de Jesus Cristo, e mesmo de um ou outro apóstolo, as últimas baseadas nos evangelhos. Atente-se em títulos, como: *Livro insigne das flores e perfeições das vidas dos gloriosos santos do Velho e Novo Testamento*, do presbítero, oriundo da Dalmácia, Mark Marulic, editado originariamente em latim e traduzido em linguagem, assim se escreve, por Fr. Marcos de Lisboa, o reputado cronista franciscano; a *Primera parte da la vida de Christo Señor Nuestro*, composta em idioma castelhano pelo religioso da ordem agostiniana, Fr. Cristobal da Fonseca, bem assim o *Tomo primero dela segunda parte de la vida de Iesus, dulcissimo hijo de Dios y de la virgen Maria, Nuestra Señora: que trata de sus obras y palabras divinas y humanas segun que las escriven los quatro evangelistas* e a *Quarta parte de la vida de Iesus dulcissimo y amantissimo; que trata de su gloriosa Resurreccion y su admirable Ascension y de la venida del Spiritu Santo e dela Assumpcion de Nossa Senhora*, ambas compiladas pelo graciano Fr. Luís de Montoya, mentor de círculos de espiritualidade cuja orientação dirigiu entre nós, a partir de conventos de sua congregação; o *Tratado de la vida, loores y excelencias del glorioso apostel y bienaumentado San Iuan, el mas amado y querido disciplo de Christo, Nuestro Salvador*, escrito por Fr. Diego de Estella, frade franciscano que em terras portuguesas circulou e pregou.³⁵ Mais ainda: não só se depara, neste catálogo, com a clássica biografia intitulada *História da vida do padre Francisco de Xavier e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*, composta pelo jesuíta João de Lucena, ainda hoje tão apreciada e reeditada, como aparece também o *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, rainha de Portugal*, de Vasco Mouzinho de Quevedo e Castelo Branco, e a *Historia da vida y martyrio do glorioso Sancto Thomas, Arcebispo, senhor de Cantuaria*, por um anónimo, elaborada originariamente em latim sobre o mártir inglês Thomas Becket que fora chanceler de Henrique II, vertida na altura por Diego Afonso de novo em português. Há a referir, também, as descrições dos cortejos sacros: *Relaçam do solemne recebimento*

³² Aníbal P. de Castro, *op. cit.* cap., V- Sob o signo do conceito predicável :35-45 e 53-56 e passim.

³³ Ver Maria Clara de Almeida Lucas, *Ho Flos Sanctorum em Lingoagẽ: os Sanctos Estravagantes*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988: 279 p..

³⁴ A. J. Anselmo, *op. cit.*, nº 844 : 243-244.

³⁵ Pio Sangüés Ascona, in *Fray Diego de Estella. Modus de Predicar y Modus Concionandi*, Madrid, Instituto Miguel de Cervantes, 1951 : 42-45.

que se fez em Lisboa ás santas reliquias que se leuaram á Igreja de S. Roque, da Companhia de Iesu, da autoria do licenciado Manoel de Campos; e, em forma de epístola escrita por um universitário a um amigo, a *Relaçam do solemne recebimento das Santas Reliquias que foram leuadas da Se de Coimbra ao Real Mosteyro de Santa Cruz* - ambas a reportarem-se a celebrações religiosas, solenes e concorridíssimas, que davam, como algumas outras, ensejo à confecção de retábulos alusivos, à maneira do formosíssimo e espectacular de Santa Auta, hoje no Museu de Arte Antiga,³⁶ e, de igual forma ajustadas à circunstância ocorrente, à pregação de sermões sempre na altura obrigatórios.

*

Assás abundante e vária, como se infere, é, pois, a presença do livro religioso neste valiosíssimo reportório de livros saídos da tipografia portuguesa no século XVI, como se acabou de sublinhar com a minúcia possível. Em tudo quanto se deixou dito, procurou-se não apenas chamar a atenção para inúmeros tesouros bibliográficos da história cultural portuguesa, mas sobretudo lembrar ao investigador e estudioso da literatura parenética e hagiográfica, os mais relevantes espécimes aparecidos, e em circulação na era quinhentista.

BIBLIOGRAFIA

António Joaquim **Anselmo**, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, nº 219: 59-60.

Pio Sangüés **Ascona**, in *Fray Diego de Estella. Modus de Predicar y Modus Concionandi*, Madrid, Instituto Miguel de Cervantes, 1951.

Bibliografia Geral Portuguesa, Volume III. Século XV, Lisboa, Academia das Ciências, 1983.

Hilarião **Brandão**, *Voz do Amado*. Introdução, Notas e Fixação do Texto de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

Arnaldo Pinto **Cardoso**, *Da Antiga à Nova Aliança. Relações entre o Antigo e o Novo Testamento em Sebastião Barradas (1543-1615)*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

Joaquim de **Carvalho**, «O pensamento português da Idade Média e do Renascimento», in *Obra Completa, II. História e Cultura (1922-1948)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

Aníbal P. de **Castro**, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973.

[*Decreto*], datado de 3 de Novembro de 1564, que abre *Catecismo ou Doutrina cristã e Práticas Espirituais*, volume primeiro das «Obras Completas» de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, Fátima, Movimento Bartolomeano, 1962: 3 inum.

³⁶ Retábulo outrora do Mosteiro da Madre de Deus (Lisboa), in Armando Vieira Santos «Mestre de Santa Anta», *Dicionário da Pintura Portuguesa*, III, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1973 : 257-259.

- José Sebastião da Silva **Dias**, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, I, Coimbra Universidade/Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.
- Bento Jozé de Sousa **Farinha**, *Colleçam das Obras Portuguezas do Sábio Bispo de Miranda D. António Pinheiro*, 2 ts., Lisboa, Oficina Filipe da Silva e Azevedo, 1784: [6] + 255 p. e de Jozé da Silva Nazarelhas, 1785.
- Maria de Lurdes C. **Fernandes**, «As artes da Confissão. Em Torno dos Manuais de Confessores do século XVI em Portugal», in *Humanística e Teologia*, Ano XI, Fasc. 1 (1990).
- Álvaro **Huerga** in *XXI, Compêndio de doutrina Cristiana. Trece sermones: Obras Completas: XXIII-XXX. Sermones de Tiempo e XXXI-XXXIV Sermones de santos*, Madrid, Fundación Universitária Española / Dominicos de Andalucía, 1999 e ss.
- Les Conciles Oecuméniques, 2 Les Décrets De Trente à Vatican II*, dir. de G. Alberigo, Paris, Cerf, 1994.
- Diogo Barbosa **Machado**, *Biblioteca Lusitana*, III, Coimbra, Livraria Atlântida, 1966.
- Maria Clara de Almeida **Lucas**, *Ho Flos Sanctorum em Lingoagê: os Sanctos Estravagantes*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.
- Jorge Borges de **Macedo**, «Livros Impressos em Portugal no Século XVI. Interesses e Formas de Mentalidade», in *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Editorial Verbo, 1979.
- João Francisco **Marques**, «O livro religioso», in *História Religiosa de Portugal*, Volume 2. *Humanismos e Reformas*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2000.
- João Francisco **Marques**, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, 1986.
- Ives **Perrousseau**, *Histoire de l'écriture typographique, de Gutenberg au XVII siècle*, Paris, Perrousseau, 2006.
- Amélia **Polónia**, *O Cardeal Infante D. Hentique, Arcebispo de Évora, Um prelado no limiar da viragem tridentina*, Porto, 2005.
- Manuel Augusto **Rodrigues**, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Primeiro Século: 1537-1640*, Coimbra, 1974.
- Raul **Rolo**, «Uma Arte' de ser Santo», in *Bracara Augusta*, XLII (1990), nº 93 (106), p. 36.
- Armando Vieira **Santos** «Mestre de Santa Anta», *Dicionário da Pintura Portuguesa*, III, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1973.
- António **Sérgio**, «Prefácio», Pe António Vieira, *Obras Escolhidas*, I, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1951: XXIX-XLIX.
- Sermões*: do P. Luís Álvares, B.N. Lisboa, F. G. Ms. 3030 a 3033 e 6950; do P. Inácio Martins, B.N.L., Cods. 350 a 3503 e 6271; de Fr. Jorge de Carvalho, A.N.T. do Tombo, Ms. da Livraria, 1097 e 1882.